In memoriam do Prof. Doutor Fernando Oliveira Sá

Autor(es): Vieira, Duarte Nuno
Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra
URL persistente: [URI:http://hdl.handle.net/10316.2/33165](http://hdl.handle.net/10316.2/33165)
DOI: [DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8630_20_4](http://dx.doi.org/10.14195/1647-8630_20_4)
Accessed : 26-Apr-2023 03:45:12

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

REVISTA PORTUGUESA

do Dano Corporal

Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal
al Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal
Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal
do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal
al Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal
no Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal
Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal
Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal
al Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal
do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal
Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal
no Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal
no Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal Revista Portuguesa do Dano Corporal

JUN. 2010 • ANO XIX • N.º 20

APADAC
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA
DE AVALIAÇÃO
DO DANO CORPORAL

INSTITUTO NACIONAL
DE MEDICINA LEGAL, I.P.
DELEGAÇÃO DO CENTRO

**I
U**
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

In memoriam do Prof. Doutor Fernando Oliveira Sá¹

Duarte Nuno Vieira²

A vida é assim. Chegamos e partimos. Encontramos e perdemos. Agarramos e deixamos. Esquecemos e lembramos.

O tempo entrega-se a nós para que um dia nos entreguemos a ele. Em momentos destes, reconhecemos a fugacidade da vida, mas é também neles que acrescentamos a ideia de uma eternidade. O mundo não acaba para nós. É apenas a realidade que muda.

Há pessoas relativamente às quais não faz sentido chorar a sua morte. Faz mais sentido regozijarmo-nos com a sua vida, com o que construíram, com o exemplo que deram, com a obra que nos legaram e de que somos beneficiários.

Assim sucede relativamente ao Senhor Prof. Oliveira Sá, indiscutivelmente a figura de maior relevo da medicina legal portuguesa da segunda metade do séc. XX, que hoje aqui evocamos e homenageamos. E eu faço-o na convicção plena que tenho de que há sempre espaço, mesmo em sessões públicas, para evocações pessoais.

Compreenderão que vos fale com a emoção de quem voltou a perder um pai. Que vos fale com o sentimento e a dor que sempre resultam de uma perda irreparável. De uma perda que o tempo ajudará certamente a atenuar, mas que jamais apagará.

*

¹ Texto escrito ao correr da pena em Soure, na noite do falecimento do Professor Doutor Fernando Oliveira Sá e lido no dia seguinte, em nome da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, no decurso das suas cerimónias fúnebres, bem como alguns meses depois, na homenagem que lhe foi prestada no âmbito do 8º Congresso Nacional de Medicina Legal, realizado em Elvas, no mês de Novembro de 2009

² Presidente do Instituto nacional de Medicina Legal IP

Conheci Oliveira Sá quando aluno do sexto ano médico. Foi meu professor de Medicina Legal. Mudou por completo o rumo da minha vida ao convidar-me para seu assistente.

Comecei a trabalhar com ele quando tinha praticamente a idade que hoje tenho eu. Acompanhei-o desde então. Vi o seu cabelo embranquecer e começar a ceder na continuidade. Vi quando a luz começou a entardecer sobre ele. Vi quando o sonho começou a desfalecer...

Assisti à sua luta exemplar contra a adversidade que o castigou cedo. Vi como assumiu a sua indomável doença com a serenidade e a dignidade que só os homens de exceção conseguem. Vi como nas vicissitudes de uma existência antecipadamente atraçoada pela enfermidade e por vezes muito dolorosa, soube suportar o sofrimento e a humilhação que a mesma por vezes lhe causava, agarrando-se à vida em todas as suas manifestações e tirando delas reflexões sempre luminosas e inteligentes. Vi como a desilusão e o sofrimento não lhe enfraqueceram o ânimo nem lhe entibiaram o espírito atento e curioso, combativo e otimista, de quem não desiste nem se acomoda, de quem estimula pela sua prática e sentido de intervenção.

Com Oliveira Sá aprendi a sentir-me como pertencendo a uma família médico-legal, grande e aberta, no tempo e no espaço. A ele fiquei ligado por um laço filial. Numa pertença que não deriva de um privilégio de sangue, mas de uma qualidade de alma.

Oliveira Sá tinha, como temos todos, virtudes e defeitos; mas foi um Homem bom, um Mestre na verdadeira acepção da palavra, um amigo sincero e leal, deslumbrante nas conversas – inigualável na ironia fina, inteligente e lapidar – um homem culto e exigente, no qual a riqueza de ideias e o espírito insubmisso se desenvolviam também numa prosa fluente e cativante, sempre clara sem ser superficial.

E foi dos que sabiam deixar que os novos sejam mesmo novos e não ocupem apenas o pequenino e estreito lugar que por vezes aos novos se concede, para um início de carreira que os mais velhos lhes previram e destinaram.

Relembro as conversas diárias do fim de tarde no seu gabinete e que mantivemos durante anos sucessivos, até à sua precoce aposentação. Num tempo em que havia – ou parecia haver – mais tempo para o ter. Conversas em que falava o olhar, em que falavam as mãos, e em que só depois vinha a voz. Uma voz discreta, sensível, sincera. Uma voz que inspirava confiança e que permanecerá como exemplo raro de independência e autenticidade. Em cada expressão sua, um mundo.

O seu gabinete era sala de conversa, de observação, de escuta, de aprendizagem e de profunda evolução interior. Falávamos de coisas banais, falávamos das coisas em que o mundo não coincidia connosco, falávamos de tudo. E nesse tudo de que se falava, estava também aquilo de que não se podia falar.

Com ele compreendi que o mundo é solidão e companhia, memória e futuro, serenidade e conflito. E que o conflito – tal como a instabilidade, o imprevisível, ou o emergente, que alguns apenas sabem ver com grande horror – pode ter afinal muito de positivo, como enorme força da natureza que é, constituindo motor essencial de evolução.

Com ele aprendi o que é – o que deve ser – a Universidade: densidade intelectual, dinâmica intelectual, diversidade intelectual.

Com ele ganhei a consciência de uma fundamental pluralidade e de que a nossa perspectiva individual é necessariamente parcial.

Com ele constatei que é possível divergirmos, divergirmos mesmo profundamente, mantendo-nos todavia fiéis e amigos.

Com ele aprendi a evitar aqueles que apontam mais vezes os erros dos outros do que reconhecem os seus, aqueles que vivem de criticar, aqueles que, seja qual for o assunto, “estão contra”, até porque sempre dá a ideia de que pensaram em alternativas melhores sem que, no entanto, apresentem nenhuma; aqueles que vivem de processos de intenção, que vivem permanentemente desenraizados, considerando-se sempre vítimas e incompreendidos, sem conseguirem compreender que o problema está, afinal, neles próprios.

Com ele aprendi também que há algumas coisas que só se podem dizer quando já são outras, ou pelo menos quando já têm importância diversa.

Sinto saudades destas conversas, daquela inteligência que se transferia para as palavras e para as pessoas. Daquele exemplo de insaciável curiosidade, de permanente desejo de saber, do seu espírito por natureza insatisfeito, sempre a levantar questões novas e a propor soluções originais, da necessidade de testar e desafiar convenções, da sua capacidade de seduzir com as palavras, de lhes dar múltiplos sentidos e interpretações...

Quantas vezes vou ao que foi o seu último gabinete e fico só, a escutar ainda hoje o eco da sua voz. Quantas vezes oiço ainda as suas palavras e a sua lapidar ironia.

Palavras que não eram nunca inúteis, gastas ou repetitivas. Que não eram como aquelas dos que dizem apenas o que já ouviram, cópias de um original que nunca foi deles. Que não eram as dos medíocres que falam da mediocridade dos outros para negarem a sua. Palavras que me cativavam pela sua forma muito própria de pensar, criar, sentir e sonhar. E que falta me faz hoje o seu conselho crítico e incisivo, porque sincero e amigo.

Oliveira Sá não passou pela vida distraidamente. Não foi daqueles que viveram perdidos dentro de si e do seu horizonte, sem nunca se interrogarem, sem nunca se mostrarem ou deixarem marcas, deixando-nos a pergunta do que estiveram a fazer aqui?

Preservou ciosamente o seu mundo dos assaltos do fácil e do fútil, recusou a intriga, o convívio fácil e postiço, evitou o aplauso público, pela exposição

que necessariamente acarreta, e preferiu o recato da privacidade, trilhando o seu caminho sem alardes, sem desvios e sem transigências. Oliveira Sá pertenceu a essa estirpe de universitários, cuja existência, por si só, nos justifica e conforta.

Escreveu William Arthur Ward que há quatro espécies de professores: “O professor medíocre, que diz, o bom professor, que explica, o professor superior, que demonstra, e o grande professor, que inspira”.

A vida de Oliveira Sá teve sentido. Desde logo o sentido de uma inspiração que nos uniu e nos reuniu, a todos nós que o continuamos, vindos de vários azimutes, riscando trajectórias diferentes e carregando memórias distintas, mas orgulhando-nos todos de termos nos genes da nossa identidade de cultores da Medicina Legal, o património que recebemos do Mestre comum.

*

Morrer, dizia o poeta, é só não ser visto. Nunca mais verei Oliveira Sá, nunca mais veremos Oliveira Sá. Morre no meu olhar, morre no nosso olhar, mas deixa a sua luz em muitos olhares. Imagino-o em mim e prometo não lhe faltar e ser sempre leal ao legado que me deixou, na certeza de que o tempo que me falta e que diariamente se encurta, me levará um dia ao seu encontro.

Afirmou um dia em situação similar o actual Reitor da minha Universidade – a Universidade de Coimbra – que são “felizes os que acreditam que um dia voltaremos a encontrar-nos”. Eu quero acreditar que assim será. Mas acredito seguramente que, pelo que Oliveira Sá deixou em mim e em muitos de nós, não vamos, verdadeiramente, chegar a separar-nos.

Disse-me um dia o Senhor Prof. Oliveira Sá que queria entrar na morte de olhos abertos. Tocado que foi pelo mistério dessa Morte, espero, citando D. José Policarpo, “que se lhe tenham aberto as portas para um outro horizonte da vida”!